

Uma publicação com estas características, de inegável interesse científico, constituirá, com toda a certeza, um importante instrumento de trabalho e um valioso contributo para os estudos clássicos, atendendo à competência com que o autor fornece uma visão tão completa e abrangente da matéria tratada.

Pseudo-Sexto Plácido, *Liber medicine ex quadrupedibus. Magos y doctores. La medicina en la Alta Edad Media. Edición, traducción y estudio de José C. Santos Paz. Firenze: Edizioni del Galluzzo per la Fondazione Ezio Franceschini, 2018, 320 pp.: ISBN: 978-88-8450-878-2.*

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA⁵ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

O volume em análise consiste, como afirma José C. Santos Paz na “Presentación”, numa edição crítica do *Liber medicine ex quadrupedibus*, conhecido como redação α de Sexto Plácido, e resulta da participação do professor de Filologia Latina da Universidade da Corunha “en varios proyectos de investigación dedicados al estudio y edición de textos médicos latinos del período presalertiano” (p. V).

A consideração do *Liber medicine ex quadrupedibus* como a «redacción α » de Sexto Plácido levou, na opinião do A., a que tivessem sido cometidos alguns erros metodológicos na edição anterior do texto, publicada em 1927 pelo filólogo Ernst Howald e pelo historiador da medicina Henry E. Sigerist. Com efeito, após uma aturada revisão das *fontes critici* do *Liber medicine ex animalibus* de Sexto Plácido, José C. Santos Paz conclui que indícios de índole diversa apontam para que a redação mais breve, “aquella que transmiten los códices de la familia α de Howald y Sigerist”, seja, na verdade, “una adaptación incompleta de la llamada «redacción β »”, que é a forma conhecida do receituário mais próxima do original (p. v). Considerando que as reelaborações deveriam ser editadas antes da obra de Sexto Plácido, na medida em que são fontes de tradição indireta úteis para o estabelecimento do texto da obra original, e no intuito de desfazer erros cometidos anteriormente, o A. opta por apresentar

⁵ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

uma edição crítica da que considera ser, afinal, a mais importante das reelaborações conservadas de Sexto Plácido.

A extensa *Introducción*, que ocupa cerca de metade das páginas que compõem o volume, permite ao seu A. contextualizar e apresentar as linhas interpretativas da obra em estudo. Apresenta-se dividida em oito partes: I. *El «Liber Medicine Ex Quadrupedibus»* (pp. ix-xx); II. *Manuscritos*; III. *La Edición de Hummelberg*; IV. *Tradición Indirecta*; V. *Fuentes*; VI. *Organización*; VII. *Stemma Codicum*; VIII. *Criterios Editoriales*.

Na primeira parte, com o propósito de contextualizar o leitor, o A. começa por referir que o texto cuja edição apresenta constitui um episódio fundamental na receção medieval do *Liber medicine ex animalibus* de Sexto Plácido, “probable pseudónimo de un autor del que no se conocen datos que permitan situarlo en un contexto preciso” (p. ix). A obra atribuída a Sexto Plácido, continua, costuma ser datada do início do século V d.C. e consiste num receituário ilustrado cuja *materia medica* é constituída por substâncias animais (procedentes de quadrúpedes e aves) e humanas. O A. acrescenta ainda que poderá ter sido um complemento de medicina animal ao herbário de Pseudo-Apuleio, “a cuya tradición estuvo muy vinculado” (p. ix).

Na secção *Autor y título* (pp. xiii-xvii), afirma José C. Santos Paz que não se conhece a autoria do *Liber medicine ex quadrupedibus*. Sendo este receituário uma compilação em que a presença do autor fica relegada para segundo plano, deve entender-se por «autor», neste caso, “alguien que actuó como compilador y reelaborador.” Quanto ao título, o mesmo reconhece que foi a necessidade de identificar o texto editado com um título e de o distinguir do *Liber medicine ex animalibus* que o levou a propor um título “facticio, aun siendo consciente de que se trata de una invención.” O A. considera-o um bom título para o receituário, na medida em que reflete de maneira exata o conteúdo (que não inclui outros animais que não sejam quadrúpedes) e deixa patente a relação que mantém “tanto con el *Liber medicine ex animalibus* (fuente principal) como con la traducción anglosajona del siglo X conocida bajo et título de *Medicina de quadrupedibus*.” (p. xvi)

Quanto à *Época e lugar de composición* (pp. xvii-xviii), apesar de nem as características linguísticas do *Liber medicine ex quadrupedibus* nem a informação externa permitirem datar com precisão o texto e circunscrevê-lo a uma

região concreta, defende o A. que “ciertos datos relativos al origen o procedencia de vários testimonios de tradición directa e indirecta pueden resultar significativos para situar nuestro texto temporal y espacialmente” (p. xvii). Assim, relativamente ao lugar de composição, os testemunhos mais antigos conservados (séc. IX) localizam-se no âmbito carolíngio, especialmente no Norte de Itália, e é precisamente a esta região que se associa uma das linhas de difusão do *Liber medicine ex quadrupedibus*. A outra linha, associada a uma região que corresponde atualmente a uma parte da Alemanha, ter-se-á desenvolvido mais tarde. No que diz respeito à época de composição, existem, segundo o A., indícios que permitem estabelecer como *terminus ante quem* o século VII e *terminus post quem* o século V, admitindo ser esta a datação da obra original de Sexto Plácido.

Na secção atinente à *Lengua y estilo* (pp. xviii-xx), defende-se que a língua do texto agora editado e traduzido apresenta a todos os níveis as características próprias do latim tardio “y, especificamente, de los textos médicos de esa época” (p. xviii). Já quanto ao estilo, o A. explica que a existência de diferentes estilos que acabaram por dar origem ao resultado final, “no sometido a una regularización ortográfica, morfológica y sintáctica estricta” (p. xix), se deve ao facto de as receitas elencadas procederem de fontes distintas.

Na segunda parte, II. *Manuscritos*, José C. Santos Paz informa que o *Liber medicine ex quadrupedibus* se conserva atualmente em sete manuscritos medievais, sendo que dois destes não incluem a obra completa, apenas uma seleção ampla (p. XX). Nas páginas seguintes, depois de resumir a sua distribuição cronológica e geográfica, caracteriza-os e comenta-os individualmente.

Na terceira parte, III. *La Edición de Hummelberg*, o A. recorda que o *Liber medicine ex animalibus* foi editado, pela primeira vez, em Nuremberga, no ano de 1538, e que, por esse facto, a edição que Gabriel Hummelberg, médico de Ravensburg, deu à luz, um ano depois, na imprensa de Christoph Froschauer de Zurique, foi erroneamente apresentada como uma *editio princeps*. Segundo o mesmo, porém, se é verdade que a edição de Hummelberg não teve o mérito de ser a primeira edição impressa de Sexto Plácido, não restam dúvidas de que foi a única a incluir as receitas do *Liber medicine ex quadrupedibus*, até Howald e Sigerist publicarem, em 1927, a edição crítica das duas versões do texto, conhecidas como «redações» α e β (pp. xxviii-xxix).

Na quarta parte (pp. xxxi-lxxix), é abordada a tradição indireta do *Liber medicine ex quadrupedibus* durante a Idade Média, a qual não parece ter sido tão importante como a de Sexto Plácido (p. xxxi). O A. identifica alguns testemunhos do conhecimento do texto em estudo, ao mesmo tempo que adverte para o facto de estes não representarem a totalidade dos que existem. São eles: *Liber de causas feminarum*, datado do século IX (pp. xxxiii-xxxv); *De ferminibus et apibus medicina / Compositiones Sangallenses*, (pp. xxxv-xxxviii) e *Codex Bambergensis medicus 2* (pp. xxxviii-xl), fontes datadas entre finais do século IX e princípios do século X; *Leiden Leechbook*, entre finais do século IX e meados do século X (pp. xl-xli); *Rotulus von Müllinen*, entre finais do século XI e princípios do século XII (pp. xli-xlviii); *Testimonios insulares*, do século XI (pp. xlix-lv); *El compendio de materia médica del código de Kraków, Biblioteka Jagiellońska, Rkp. 788*, datado dos séculos XIII e XIV (pp. lv-lx); *La traducción austrobávara*, do começo do século XIV (pp. lx-lxi).

A quinta parte da *Introducción* (pp. lxii-lxxviii) é dedicada ao estudo exaustivo das fontes do *Liber medicine ex quadrupedibus*. O A., primeiramente, faz um apanhado do estado da questão, “reseñando los principales estudios publicados hasta el momento” (p. lxiii). No que ao seu próprio estudo diz respeito, propõe-se identificar as obras em que se baseia o receituário e determinar, com a maior precisão possível, as linhas de difusão e até os exemplares concretos de que aquele mais se aproxima. Propõe-se, ainda, explicar, na medida do possível, de que adaptações foi objeto o material original e que razões levaram o compilador a modificar e até a omitir determinadas receitas (p. lxii). Assim, na primeira secção (pp. lxv-lxix), examina a influência daquela que considera ser a fonte principal do *Liber medicine ex quadrupedibus*, o *Liber medicine ex animalibus*, procedendo à “determinación del modelo y métodos de adaptación”. Na secção seguinte (pp. lxx-lxxvi), analisa a influência de *Cyanides*, para refutar a hipótese defendida por Santamaría Hernández de que este texto seria a fonte principal de Sexto Plácido e do *Liber medicine ex quadrupedibus*. Na última secção, estuda a influência de *Otras fuentes* (pp. lxxvi-lxxix).

Na antepenúltima parte da *Introducción* (pp. lxxix-lxxxvii), são tecidas considerações sobre a *Organización general de los capítulos*. Num primeiro momento, estabelecem-se as diferenças entre o *Liber medicine ex quadrupedibus* e o receituário de Plácido Sexto no que à organização geral diz respeito.

Depois, o A. detém-se na análise detalhada do agrupamento de dois capítulos, o do lobo e o do cão, que lhe permitirá extrair conclusões interessantes “sobre la génesis del *Liber medicine ex quadrupedibus* y sobre su tradición manuscrita” (p. LXXX). Na secção seguinte, *Organización de las recetas*, é referido o critério que presidiu, quer no texto em estudo quer na fonte principal, à disposição das receitas dentro de cada capítulo, e que consistiu em agrupar as que utilizam a mesma parte ou substância do animal.

Em VII. *Stemma Codicum* (pp. lxxxvii-cii), o A. começa por referir que o texto em análise, ao contrário de outras obras médicas tardo-antigas e medievais, textos constantemente atualizados e contaminados, “conta con un número reducido de manuscritos que parecen derivar de um mismo arquetipo, sin que haya detectado relaciones de contaminación entre ellos” (p. lxxxvii). Por esse motivo, é apresentado um *stemma* fechado que representa as relações históricas entre os vários testemunhos e serve de guia para a seleção das variantes (ibidem). *Acerca del arquetipo de la tradición directa* (pp. lxxxvii-xcii), defende o A. que a tradição manuscrita do *Liber medicine ex quadrupedibus* deriva de um arquetipo comum, distinto do original de autor, facto que se comprova pela existência de erros comuns a todos os testemunhos que não são imputáveis ao compilador. De acordo com o mesmo, o exame da tradição do *Liber medicine ex quadrupedibus* põe em evidência a existência de prováveis erros de arquetipo, alheios ao compilador, que em algum momento da transmissão do texto se produziram e que se encontram em todos os manuscritos conservados do receituário (ibidem). A corroborar esta tese, são apresentados, depois, alguns exemplos desses erros. O A. divide, ainda, os testemunhos em dois grupos, designados pelas letras δ e τ . Cada linha de difusão coincide com uma área geográfica específica, pelo que o *stemma* não apenas representa as relações textuais entre os testemunhos, mas também um mapa de difusão da obra. O grupo δ corresponde às cópias procedentes da atual Alemanha (códices *Ha*, *Et*, *w* e *Vs*, apresentados nas pp. xcii-xcvi), ao passo que o grupo τ engloba o Norte de Itália e a atual França (códices *Lc*, *W* e *Ld*, analisados nas pp. xcvi-c). Em função dos dados que foi expondo, na secção *Historia del texto*, o A. faz um breve resumo da história do texto do *Liber medicine ex quadrupedibus*, desde os primeiros testemunhos, diretos e indiretos, situados no mundo carolíngio, até ao início da época moderna.

Depois da apresentação dos problemas textuais que acompanham o texto e da explicação da constituição do *stemma codicum*, na última parte da *Introducción* (pp. lxxxvii-cxx), expõem-se os princípios norteadores da edição. Afirma o A. que a sua intenção foi aproximar-se o mais possível do texto original do *Liber medicine ex quadrupedibus* e que o primeiro objetivo por si estabelecido, não obstante as dificuldades decorrentes da reconstrução de um original perdido, foi reconstruir o texto do arquétipo.

No seguimento desta extensa parte introdutória, surgem elencadas as *Fuentes Manuscritas e Impresas*, a saber: manuscritos (pp. cxi-cxii); edições de textos (pp. cxii-cxvi); estudos (pp. cxvi-cxx).

Já na segunda metade deste livro, é apresentado, em edição crítica, na versão latina, o texto do *Liber medicine ex quadrupedibus*, acompanhado de tradução em língua espanhola (pp. 1-53) e seguido de um minucioso e muito enriquecedor *Comentário Filológico* (pp. 55-82).

A engrandecer a obra e a tornar mais fácil a sua leitura, encontramos, no final do volume, dois *Índices* de grande utilidade, tanto para o leitor comum como para especialistas: “Índice de palabras” (pp. 85-93) e “Índice de autores y obras” (pp. 95-98).

Em suma, importa salientar que a organização primorosa e o indiscutível rigor científico que presidiram à elaboração deste livro muito contribuirão para a divulgação do *Liber medicine ex quadrupedibus*, obra “de gran interés para el conocimiento de la medicina altomedieval (concretamente de la medicina zooterápica, un género poco representado) y para el estudio de la historia de la lengua latina y de las formas de transmisión de los textos llamados «vivos»” (contracapa).

Armando Senra Martins, *Cidades europeias nas Cartas de Enea Silvio Piccolomini*. Lisboa, Edições Colibri e Centro de Estudos Clássicos, 2018, 194 pp.: ISBN: 978-989-689-714-7; ISBN: 978-972-9376-42-9.

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA⁶ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

A obra em epígrafe constitui uma parte do texto da dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Évora, em 2013, por Armando Senra

⁶ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do con-